

## Agarrado aos livros sem ter tempo para ler

*‘Não sabem ler, não entendem as questões nos testes, não são objectivos nas respostas, não se «safam» nem na oral nem na escrita?’. Esta ‘inaptidão’ funcional em Língua Portuguesa parece ? na opinião de alguns docentes e de outras figuras públicas que escrevem nos jornais nacionais - afastar os jovens do conhecimento e, sobretudo, impedir que se integrem na cultura que a sua própria escola pretende veicular.*

As questões da (i)literacia têm sido bastante abordadas em Portugal. Não sem justificação plausível, com certeza. Todos se queixam, em última instância, da não compreensão da leitura, seja pelos adolescentes do 3º ciclo, seja pelos pré-adultos universitários. *‘Não sabem ler, não entendem as questões nos testes, não são objectivos nas respostas, não se «safam» nem na oral nem na escrita?’. Esta ‘inaptidão’ funcional em Língua Portuguesa parece ? na opinião de alguns docentes e de outras figuras públicas que escrevem nos jornais nacionais - afastar os jovens do conhecimento e, sobretudo, impedir que se integrem na cultura que a sua própria escola pretende veicular.*

Esta preocupação tem marcado muitas das mudanças curriculares no sistema educativo português nos últimos anos. A mais recente - e que traz algumas dificuldades aos próprios professores - foi a criação de uma disciplina de Língua Portuguesa diferente da de Literatura (esta só para a área de Humanidades) para todas as áreas do Ensino Secundário; o enfoque passou a ser maior na esfera da Linguística, nomeadamente na Pragmática, ficando a Literatura para um plano menos central; o que já acontecia, de certa forma, com o antigo programas de Português B, mas nunca se concretizou na maior parte dos casos; em parte devido à inexistência de conhecimento por parte dos próprios docentes que tiveram inicialmente nas Universidades uma formação muito à base de Literatura e que perpetuaram também o modelo dos seus antigos professores nos Liceus que frequentaram. Outra grande mudança (mais recente) foi a criação de um exame no final do 3º ciclo, no 9º ano, na disciplina de Língua Portuguesa (e também em Matemática).

A propósito da leitura, dizia há dias um jovem aí dos seus quinze anos: *‘Não temos tempo nenhum para ler porque temos que nos agarrar aos livros!’*. Na sua simples análise, este estudante sintetiza, sem saber, a grande crise que se vive no Ensino em Portugal; ou seja, paradoxalmente, a leitura é vedada aos jovens porque têm que se agarrar aos livros; claro que estes volumes são os manuais escolares; uns *‘pequenos ditadores’* detentores de verdades absolutas e distanciadas das realidades quotidianas e que, pelos vistos, afastam a juventude portuguesa dos momentos que podem fruir ao encontro da sensibilidade estética, do desenvolvimento interior pessoal. Assim se doutrinam saberes para utilização nos tais exames; erudição que não envolve os alunos e, portanto, não faz parte das emoções vividas as quais, afinal, não são um mundo fora da nossa vida. Ora há livros na área de todas as disciplinas; e, por vezes, seria bem melhor ler algo sobre a *‘matéria’* num livro da especialidade do que decorar o manual da página x à y; a páginas tantas até se pensa que os livros que não são manuais não fazem parte da nossa cultura.

Porém, mesmo a terem que se *‘agarrar aos livros’* desta maneira, parece que os jovens portugueses voltaram a ler mais do que há alguns anos; disso nos dão conta alguns estudos recentes.

A este fenómeno não serão alheias as Redes de Bibliotecas Escolares, organizadas a nível nacional e a nível concelhio. O investimento tem sido grande, há já alguns anos. As escolas deixaram de ter algumas estantes com livros muito gastos e antiquados, por vezes colocadas em pequenas salas ou até em sótãos (só as escolas antigas tinham bibliotecas razoáveis em termos de espaço, mas com livros e organização muito antigos), para passarem a ter amplas salas luminosas e aquecidas, com belas estantes abertas que permitem aos alunos tocar nos livros, com óptimas cadeiras e sofás, expositores de revistas e jornais do interesse dos jovens, computadores com net, placards e outras formas de animação e com imenso material livro. Para além disso, é possível fazer a seguinte experiência: desapareçam os funcionários da biblioteca ou os professores da respectiva equipa, por instantes, ou sentem-se num gabinete ao lado. É fantástico verificar como tudo corre sobre rodas: os alunos, do 3º ciclo ou do secundário, lêem, consultam a net e jornais, vêem filmes, ouvem CDs, jogam xadrez, arrumam no sítio, preenchem o livro de requisições, *‘printam’* o que precisam e deixam o dinheiro em cima da secretária de atendimento pelas funcionárias. Não desaparecem livros (não há alarme à saída), não se estraga nada, não há barulho em demasia. E a Biblioteca Escolar está cheia. E os jovens, afinal, até lêem.

Esta autonomia *‘proporcionada sobretudo pelas óptimas condições de trabalho’* é também, por si só, Literacia. Quando se entra na Biblioteca Escolar, está-se já num país do Primeiro Mundo.

Arranjem lá os governantes deste país outros modelos e projectos de excelência para as escolas que tudo se encaminhará no sentido do sucesso escolar. E não serão precisos exames para avaliar não se sabe bem o quê; não será necessário reprovar meninos sem mais nem porquê; nem inventar *‘rankings’* que são a última loucura que os jornais descobriram para vender mais e os governos inventaram para mentir à população portuguesa sobre o verdadeiro valor dos professores e das escolas.

E os estudantes portugueses lêem sem dúvida cada vez mais. E se não tivessem que se agarrar tanto aos livros...